

A LINGUAGEM LIVRE LEVE E SOLTA DO POVO PARAIBANO EM BUSCA DE UM “PARAIBANÊS”

Paulo Germano Cavalcanti Furtado

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira 06

Segundo José Américo de Almeida, “a poesia popular é a manifestação mais viva da inteligência do nordeste” e arrematou: “a literatura de cordel está universalmente consagrada como um dos testemunhos mais fiéis dessa tradição”. Cada falante, ou utilizador da língua, faz as suas escolhas da forma que melhor lhe convier, de acordo com as suas preferências ou conveniências, de acordo com o seu conhecimento linguístico ou, até mesmo, do seu estado de espírito. Segundo Marina Montovani, doze dialetos brasileiros enriquecem a literatura portuguesa. Os dialetos paulistano e carioca são os mais usados nos meios de comunicação. Os outros são o baiano, o caipira, o gaúcho, o mineiro, o nordestino, o nortista, o recifense, o sertanejo do sudeste e o sulista. A linguagem regional envolve e transporta as pessoas a um mundo rico em diferenças e elementos culturais. Talvez pensando num “paraibanês” ainda não catalogado, desde os idos de 1955, aos 10 anos de idade, ao pé do rádio, eu escutava Bastos de Andrade na Tabajara, emissora oficial do Estado, recitando com termos bem populares a obra ainda não impressa, do seu irmão, Zé da Luz, o notável poeta popular nascido em Itabaiana e já admirado por Zé Lins do Rego e citado por Manuel Bandeira.

Na cidade de João Pessoa da minha infância, repentistas, violeiros e cantadores, andando pelas ruas causavam alvoroço. Corríamos para vê-los se apresentando na Praça João Pessoa, Lagoa, Mercado Central ou no Ponto Cem Réis. Os irmãos Otacílio e Dimas Batista já se destacavam. Com o passar do tempo, além dos folhetos de cordel, fomos adquirindo livros preciosos, como o de Zé da Luz, e aguardando Orlando Tejo, que nos presenteou em 1973 com a obra “Zé Limeira, Poeta do Absurdo”, o gênio analfabeto, nascido em Teixeira e falecido no ano de 1954. Depois, tivemos “Inácio da Catingueira, O gênio Escravo”, organizado por Luís Nunes, lançada em 1979. Da minha parte, anotar termos e expressões populares usados pelos cantadores e ausentes nos dicionários formais vinha se tornando um hábito. Daí foi só um pulo,

para a curiosidade ser direcionada às raízes históricas e etimológicas dessa apaixonante fala do paraibano. Mas, voltando ao tempo em que nascia o português falado no Brasil, partindo do descobrimento, foi também nascendo, em paralelo, o dialeto nordestino, manso e arrastado, cantado e colorido, realçando uma forte personalidade verbal e gestual de se comunicar. A grande dimensão territorial brasileira, como fator isolado, já poderia explicar a diversidade da nova linguagem e desse novo falar que flui livremente entre os grandes centros e sítios distantes, com as pessoas se entendendo como se tudo fosse muito natural.

Dessa forma, a língua portuguesa que nos foi trazida “inculta e bela” pelo colonizador nem precisou convidar franceses e holandeses para aqui aportarem com artefatos bélicos e culturais, lutando para impor as suas mudanças. O linguajar, naqueles tempos, não poderia deixar de ser também fortemente influenciado pela cultura dos negros oriundos da África e dos índios Potiguara e Tabajara que por aqui, há séculos, nos aguardavam.

Nos dias atuais, o que alguns já definem como “nordestinês” foi tomando forma a partir de importantes polos linguísticos originários da Bahia e de Pernambuco, principais centros irradiadores dessa nascente língua portuguesa, enquanto iam chegando novos imigrantes a partir da Capitania de São Vicente, buscando o Rio, São Paulo, Minas e entrando no Sul, sudeste e centro oeste do Brasil. Esses imigrantes também foram criando fortes raízes e enriquecendo o idioma de forma sempre ativa e permanente. Salvador, há de se reconhecer, exerceu a mais forte influência cultural, administrativa e econômica daquela época e não é por simples acaso que, em 1811, chegou a ser a primeira capital do Brasil.

Cultura, sotaque, musicalidade e termos correntes foram adquirindo traços de marcante personalidade atrelada a cada microrregião, identificando a linguagem coloquial com traços peculiares e com uma entonação que já se tornou conhecida e amada por todo o povo brasileiro.

Em nosso pedaço, na fala do riograndense do norte e do pernambucano, apenas diferenças muito sutis são notadas com relação aos seus vizinhos paraibanos. Na cidade do Recife, por exemplo, o picado, de boi ou de porco, para eles é sarapatel. A oliveira, aquela frutinha roxa, escura e doce também para eles é azeitona. Já no sul do país, a tal frutinha é bem conhecida como jamelão. Até mesmo no sertão da Paraíba, notamos diferenças na entonação e no emprego de alguns termos e expressões. O sertanejo, por exemplo, criou o rubacão, mas só nas últimas décadas é que a deliciosa iguaria chegou às nossas praias e às nossas mesas.

Passamos a relacionar alguns poucos exemplos dessa linguagem popular muito usada na Paraíba, disseminada no Nordeste, e bem compreendida pelo Brasil afora. A seguir, uma pequena amostra de glossário com média de apenas dois verbetes por cada inicial das letras do alfabeto, para não estender nem entediar:

ARRUBACÃO

É o mesmo que rubacão, preparado de feijão “macassa”, com queijo de coalho e carne seca.

AMARELO DE GOIANA COME SAPO COM BANANA

É uma antiga brincadeira das crianças de João Pessoa e Recife, com relação aos moradores de Goiana, cidade próxima à fronteira PB/PE. Talvez por seus manguezais nas várzeas do rio do mesmo nome, onde se relatavam casos de palidez/anemia que comprometiam a população ribeirinha que vivia em estado de pobreza.

BACURI

Variedade de manga plantada na Paraíba. Diferente de bacorinho, porquinho novo.

BIGODETE

Rapazola. Adolescente jovem. Termo usado por José Américo de Almeida em A Bagaceira. Registrado no Aurélio.

BREBÔTE

Comida de má qualidade, de sabor razoável e de baixo valor nutricional. Besteira, bobagem, porcaria, do ponto de vista alimentar.

CAFOFA(ô)

1. Chute fraco nas peladas de várzea da Paraíba. 2 Prato típico em alguns outros estados nordestinos.

CANGUEIRO

Mesmo que munheca de pau, expressão usada na PB para rotular o mau motorista, indivíduo que dirige mal e perigosamente, colocando em risco a vida dele e a das outras pessoas. “Motorista ruim,” O mesmo que barbeiro na gíria carioca. No RN, segundo Fred Navarro, é também uma pessoa fraca e sem forças.

DESPREVENIDA

Mulher vestida de saia, que vai para a rua sem calcinha e fica à mercê de “ventos atrevidos”.

DOR DA GOTA SERENA

Expressão que traduz uma dor intensa, lembrando um passado distante quando ainda não havia analgésicos eficazes para tratar a artrite gotosa, por exemplo, que é uma doença reumática bem conhecida e bastante dolorosa. O termo “serena” poderá estar relacionado à “madrugada”, horário noturno em que a dor aperta mais.

FITEIRO

Pequeno quiosque que nas calçadas vende cigarros, doces e outras miudezas. Fred Navarro atribui ao Recife a origem desse comércio, mas o paraibano também pode ter contribuído com o empreendimento... Quem sabe?

FARNIZIM

Mal-estar, tontura, biloura, turica, frenesi. Termo usado pelo compositor paraibano Santana e conhecido em outras regiões do país.

GASGUITO

Voz esganiçada - Usado na linguagem informal da Paraíba, embora seja gíria conhecida em outros estados brasileiros.

IN RIBA.

Em cima, expressão que tem influência do espanhol e do português arcaico. Ainda hoje é usada por paraibanos de baixa escolaridade. “Tá vendo aquela cacimba, lá na beira riacho/In RIBA da ribanceira/ Que fica assim por debaixo de um pé de tamarineira? / Pois um magote de moça, quase toda manhãzinha/ Forma assim aquela tua/ Pra tomar banho de cuia/ Na beira da cacimbinha” ... A Cacimba, do poeta Zé da Luz, de Itabaiana, PB.

JACUMÃ

1. Do tupi, andaimes de três paus usados para construir currais de peixes.
2. Uma bonita praia ao sul de João Pessoa, PB.

KOMBEIRO

Motorista de Kombi que pega frete ou lotação. Era muito visto pelo interior de Pernambuco.

LAPIADO

Alguém que foi surrado e se apresenta com a pele marcada por listras vermelhas produzidas por lapadas de cipó ou de chicote.

MACHARIA

1. ajuntamento de machos na Paraíba.
2. Molde de areia para fundição de metal ou plástico.

MANICHULA

Em algumas partes do nordeste, significa casa de prostituição, zona de meretrício, prostíbulo, puteiro, cabaré. “Esse maluco só vive na manichula, gastando o que tem com rapariga.”

NA CAGADA

Na pura sorte.

NUINHA

O mesmo que nuazinha. “Um dia eu vi uma moça nuinha no banho, fiquei parado, o coração batendo, foi o meu primeiro alubrimento”, Manuel Bandeira, o nosso notável vizinho pernambucano.

OMBREIRA

1. Pequeno móvel de madeira para pendurar paletós, chapéus e bengalas.
2. Cabide para peças do vestuário no guarda-roupa, sendo esta última, uma acepção muito comum na Paraíba.

ÔXENTE

Interjeição usada na linguagem descontraída de boa parte dos nordestinos. É uma palavra símbolo do nosso dialeto e exprime espanto, surpresa ou desdém. É uma provável forma aglutinada de ô gente, segundo o Aurélio.

PÃO COM BANHA

É o ato sexual com uma mulher que acabara de se relacionar outro parceiro.

PAPA JERIMUM

Reza a lenda que, com os servidores em atraso, o então governador, Pedro Velho, do Rio Grande do Norte, teria cogitado pagar salários com abóbora. A versão, historicamente, nunca foi confirmada, mas o apelido “sobrou” para a população natalense.

PAPUDA

Cachaça de má qualidade vendida no interior da Paraíba, às vezes com adição de água. Termo de origem paraibana conforme atesta o dicionário Aurélio. Por oportuno, vale esclarecer que o nome Papuda, da Penitenciária masculina do entorno de Brasília, conhecida nacionalmente por prender em massa cidadãos sem julgamento, tem etimologia diferente: Naquela zona rural, morava uma senhora portadora de bócio, inchaço no pescoço (papo) por aumento da tireoide. Essa doença endêmica era causada pela carência do iodo e há anos foi erradicada com a sua adição obrigatória ao sal de cozinha.

QUEBRAR CATOLÉ

É quando a velha espingarda não dispara o tiro por defeito na espoleta.

RABIÇACA (ou rabissaca)

Gesto comum entre meninas que exprime desdém ou menosprezo pelo interlocutor, fazendo beicinho e sacudindo a cabeça para o lado. “Dar uma rabiçaca.”

RAPARIGA

Quenga, prostituta na Paraíba e em alguns estados brasileiros.

SAMBUDO

Tem o sentido de menino pequeno, desnutrido e com barriga grande. Termo usado em A bagaceira de José Américo de Almeida.

SERRINHA DE UNHA

Mesmo que lixa de unha usada em manicure e pedicure.

TURICA

Na Paraíba é o mesmo que síncope, chilique, biloura.

TU VISSE, TU FOSSE

Vício de linguagem observado em algumas regiões do nordeste o que não é raro ocorrer, nem mesmo, entre falantes conhecedores do vernáculo. A tradução seria a forma interrogativa de “tu viste, tu foste”. “Tu visse”, em lugar de TU VISTE, 2ª pessoa do pretérito perfeito do verbo VER e “Tu fosse” em lugar de TU FOSTE, do muito irregular verbo IR.

VOLTA

Como substantivo é colar de delgada corrente de ouro ou prata, com uma pequena medalha do mesmo metal. Termo em desuso pelos jovens paraibanos.

XELELÉU

Bajulador, baba-ovo no RN, PB e PE, segundo Fred Navarro.

XEXEIRO(Ê)

Mau pagador, caloteiro. Diz-se de, ou indivíduo que passa calote ou xexo(ê). Termo chulo, adverte Aurélio.

ZANHO(a)

Homem ou mulher de pavio curto, enfezado, arengueiro, encrenqueiro, irritadiço.

“Não troco o meu ôxente pelo OK de ninguém.” Ariano Suassuna.